

DIÁLOGOS DA PESCA: TRABALHO, LAZER E HABITAR NA FOZ DE IMBÉ

Walter Reyes Boehl¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, RS, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-9655-4080>

Mauro Castro Ignácio²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, RS, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-7885-9622>

Mauro Myskiw³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, RS, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-4689-3804>

Resumo: O artigo analisa a relação entre trabalho e lazer na Barra de Imbé (RS) através de uma etnografia incidental realizada entre 2018 e 2026. A partir do conceito de *taskscape* e da perspectiva do habitar de Tim Ingold, discute-se como a categoria local "passar trabalho" transmuta a lida bruta da pesca em fruição. Ao observar jovens trabalhadores e pescadores veteranos, a pesquisa sugere que a técnica (*skill*) e a sociabilidade na margem dissolvem as fronteiras rígidas entre produtividade e ócio. O estudo conclui que a pesca na foz constitui uma pedagogia da paisagem e uma ética da presença, em que o esforço físico e a maestria técnica são inseparáveis da realização existencial.

Palavras-chave: Trabalho. Atividades de Lazer. Antropologia Cultural. Pescadores.

FISHING DIALOGUES: WORK, LEISURE, AND DWELLING AT THE MOUTH OF THE IMBÉ RIVER

Abstract: This article analyzes the relationship between work and leisure at the Barra de Imbé (RS) through an incidental ethnography conducted between 2018 and 2026. Drawing on Tim Ingold's concept of *taskscape* and the dwelling perspective, it discusses how the local category "passar trabalho" (toil/hardship) transmutes the raw labor of fishing into enjoyment. By observing young workers and veteran fishers, the research suggests that skill and sociability on the shore dissolve the rigid boundaries between productivity and idleness. The study concludes that fishing at the river mouth constitutes a pedagogy of the landscape and an ethics of presence, in which physical effort and technical mastery are inseparable from existential fulfillment.

Keywords: Work. Leisure Activities. Anthropology, Cultural. Fishermen.

¹ Doutorando em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Ciências do Movimento Humano (UFRGS). Graduado em Educação Física (UFRGS) e em Comunicação Social (PUCRS). E-mail: walterboehl11@gmail.com.

² Doutorando em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Ciências do Movimento Humano (UFRGS). Graduado em Educação Física – Licenciatura e Bacharelado (UFRGS). E-mail: mauroesef@gmail.com.

³ Doutor em Ciências do Movimento Humano (UFRGS). Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduado em Educação Física (UNIOESTE), mestre em Ciência do Movimento Humano (UFSM) e em Administração (UFSM). E-mail: mmyskiw@hotmail.com.

DIÁLOGOS DE LA PESCA: TRABAJO, OCIO Y HABITAR EN LA DESEMBOCADURA DE IMBÉ

Resumen: El artículo analiza la relación entre trabajo y ocio en la Barra de Imbé (RS) a través de una etnografía incidental realizada entre 2018 y 2026. A partir del concepto de *taskscape* y de la perspectiva del habitar de Tim Ingold, se discute cómo la categoría local "passartrabalho" (pasar trabajo/penuria) transmuta la dura labor de la pesca en fruición. Al observar a jóvenes trabajadores y pescadores veteranos, la investigación sugiere que la técnica (skill) y la sociabilidad en la orilla disuelven las fronteras rígidas entre productividad y ocio. El estudio concluye que la pesca en la desembocadura constituye una pedagogía del paisaje y una ética de la presencia, en la que el esfuerzo físico y la maestría técnica son inseparables de la realización existencial.

Palabras clave: Trabajo. Actividades de Ocio. Antropología Cultural. Pescadores.

INTRODUÇÃO

De longe, parece que todo mundo tá só passando o tempo, né? Mas chega aí, encosta... tem gente aqui que tá tirando a janta, e tem gente que tá gastando o que não tem pra não pegar nada e sair feliz. O segredo não é o peixe, é o que acontece enquanto ele não vem (diário de campo, julho de 2020).

A frase, dita por um pescador veterano enquanto ajeitava meticulosamente sua coca⁴ na entrada da foz, serviu como o primeiro "puxão de linha" na minha percepção sobre a Barra de Imbé, no litoral norte do Rio Grande do Sul. Minha ida até a margem não buscava observar o movimento das marés como um objeto externo, mas habitar as tramas que se tecem com o tilintar das chumbadas e o silêncio expectante da espera. De longe, o olhar apressado do veranista ou o registro estatístico do gestor público tendem a homogeneizar a cena em uma massa de indivíduos com varas, tarrafas⁵ e redes. No entanto, a distância é uma lente que simplifica e, por vezes, distorce o que ocorre no vai e vem da maré.

A indistinção de fronteiras, assim sendo, não me era estranha. Recordo-me de uma noite de campana, nos tempos em que eu ainda trabalhava no DENARC⁶, quando um colega, sob o manto da tensão, sussurrou-me: *"Isso aqui nem parece trabalho para mim... é como se eu estivesse na Disney"*⁷. Aquela "Disney", experimentada no ápice do risco policial, ressoou na Barra de Imbé. Se lá a adrenalina transmutava o dever em fascínio, aqui o riso e a parceria de certo

⁴ A coca é uma armadilha de pesca artesanal, de formato cilíndrico ou cônico, construída com aros de metal ou madeira revestidos por uma rede de malha fina. Possui uma abertura afunilada (o "guia") que permite a entrada do siri ou do peixe.

⁵ A tarrafa é uma rede de pesca de formato circular, com pequenos pesos de chumbo distribuídos em sua tralha (perímetro inferior) e uma corda de recuperação presa ao centro.

⁶ Departamento Estadual de Investigações do Narcotráfico.

⁷ Referência ao complexo Walt Disney World Resort (EUA), utilizada popularmente como sinônimo de um espaço de entretenimento planejado e impecavelmente organizado, onde o controle do ambiente produz uma atmosfera de lazer idealizada e higienizada.

modo transmutam a lida bruta em fruição.

No desenho inicial desta pesquisa, categorias nítidas pareciam necessárias. De um lado, o pescador artesanal, motivado pelo sustento; de outro, o amador, guiado pelo lazer. À primeira vista, uma estatística simples sustentaria essa divisão. Contudo, ao exercitar o olhar “de perto e de dentro” (Magnani, 2018), a distinção mostrou-se insuficiente. No cotidiano da margem, os mesmos corpos que vendem o peixe também o celebram; o tempo de trabalho e o tempo de lazer se atravessam sem fronteiras fixas. A observação das conversas entre os tarrafeiros, dos gestos de ajuda mútua e das disputas amistosas indica uma sociabilidade entrelaçada (Zelizer, 2009).

Como aponta Zelizer, a separação entre o mercado racional e os laços pessoais constitui uma “dualidade perigosa”: na margem do Imbé, o sustento não contamina a diversão, e o lazer não exclui o esforço. São dimensões que se produzem mutuamente na mesma trama de práticas e relações.

Creio ter encontrado ali o que Robert Stebbins e David Sachsman (2017) definem como “lazer sério”. Sujeitos que, por prazer, “passavam trabalho” com um rigor que em nada invejava a disciplina profissional. Mais do que isso, a experiência evidenciou o que Tim Ingold (2011) descreve como uma “educação da atenção”, em que a técnica (*skill*) de lançar a tarrafa ou arrastar a coca nivela os sujeitos em um fluxo em que o esforço físico e o prazer da maestria são inseparáveis.

Este artigo propõe, portanto, percorrer esses diálogos para descrever a foz como um *taskscape* (Ingold, 2011), um território onde a técnica, a sociabilidade e a lida bruta não se fragmentam em esferas isoladas. Ao analisar a experiência na margem, busca-se compreender como o “passar trabalho”, longe de ser o oposto do descanso, constitui a própria perspectiva do habitar. Trata-se de um engajamento prático em que o esforço físico (trabalho) e a educação da atenção (lazer sério) nivelam os sujeitos em um fluxo de vida em que a produção de sustento e a fruição da existência tornam-se um único e indissociável fazer.

A correspondência da pesquisa com o lazer

A construção deste artigo desdobra-se como prolongamento da própria existência, tecendo-se ao longo de um fluxo de vida que percorre o período de 2018 a 2026 na Barra de Imbé, Rio Grande do Sul. Esta etnografia habita a indistinção do fazer acadêmico e do viver na margem, momento em que as tramas do lazer e os desenhos da pesquisa se emaranham sem a necessidade de fronteiras que isolem a coleta de dados da vida privada. Minha presença na foz do Rio Tramandaí não foi motivada inicialmente por um recorte de tese, mas pela habitação plena

daquele território. Como pesquisador dedicado às tramas do futebol, a foz constitui-se como espaço de habitação e fruição.

No entanto, o olhar treinado e sensibilizado pelos debates do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF/UFRGS) não permitiu que a experiência na margem fosse um hiato analítico. É preciso sublinhar que esta escrita é fruto de uma colaboração estreita entre autores, o que reflete uma estrutura narrativa propositalmente fluida. O leitor encontrará conjugações verbais que oscilam entre a primeira pessoa do singular e do plural; tal disformidade gramatical respeita a natureza do trabalho. Enquanto, as incursões empíricas, as sensações térmicas e o olhar imediato se desenvolvem da vivência direta do primeiro autor, as reflexões teóricas e a sistematização final são resultados do diálogo contínuo e da construção compartilhada entre todos os pesquisadores envolvidos.

Como sustenta Mariza Peirano (2014), a etnografia não é um "método" com hora marcada para começar e terminar, mas uma postura existencial. O instinto etnográfico manifestou-se na fluidez do cotidiano, processo no qual a observação não aconteceu em um intervalo do descanso ou do trabalho; ela fluiu com a prática. O ato de 'encostar na margem' tornou-se um engajamento prático, um laboratório sensorial no qual a contemplação e o estranhamento acionam a reflexão. Para Peirano, a pesquisa de campo não tem momento certo para começar e acabar - esses momentos são arbitrários diante da potencialidade de estranhamento e do insólito da experiência vivida.

A experiência, desse modo, evidenciou que o conhecimento da foz não é uma camada sobreposta à diversão, todavia, uma gênese conjunta (Sautchuk, 2007) com o ambiente. Ao sentir o rigor do vento e observar o "passar trabalho" dos pescadores, compreendi que o caráter penoso da lida não é um obstáculo ao lazer, mas a própria condição de existência na margem. É um rito constante em que o esforço físico observado e a minha própria educação da atenção dão sentido ao habitar. Assumo, assim, a condição de nativo/etnógrafo (Peirano, 2014), posicionamento no qual o etnógrafo não "desliga" sua função ao habitar sua própria cultura ou seus espaços de fruição; ao contrário, ele se torna agente ao se expor ao imprevisível e questionar certezas.

A pesquisa aqui aplicada assume a perspectiva de Ingold (2011) de que o conhecimento não se extrai "de fora", mas desenvolve-se ao caminhar com o mundo. Ao observar e, por vezes, partilhar a fila rítmica dos tarrafeiros, o café matinal e a manutenção das varas, os diálogos deixaram de ser ruídos de fundo para se tornarem o próprio tecido da pesquisa. Este trabalho, portanto, é fruto de uma etnografia incidental que se impôs pela força. É a síntese de um acadêmico que procurou compreender que não se pesquisa "sobre" a Barra, mas pesquisa-se

com ela, processo no qual a técnica observada, a fruição da paisagem⁸ e a teoria antropológica se emaranham em um contínuo fluxo de fazer e conhecer.

A imersão prolongada na margem, assim sendo, deslocou o eixo da observação. Compreender a foz passou a significar responder aos seus convites, e não descrevê-los à distância. A pesquisa não buscava interpretar o ambiente, mas corresponder-se com ele, tal como propõe Ingold (2011) ao tratar da atenção como modo de conhecer. O gesto do pescador, o rumor do vento e a resistência da água compõem um mesmo circuito perceptivo. É a partir dessa experiência que o *affordance*⁹ se torna uma chave interpretativa para a percepção do lazer.

O *Affordance* na Foz

Nesse emaranhado no qual o sujeito flui com o rio, a técnica não opera sobre uma natureza externa, mas responde aos *affordances* que emergem desse encontro. Como define Ingold (2011), a partir das formulações de James Gibson (1979), o *affordance* não é uma propriedade física e estática da água ou da rede, mas uma possibilidade de ação que só existe na relação. Na Barra de Imbé, o rio não é um cenário para o pescador; ele se constitui como um conjunto de convites: a força da correnteza oferece o caminho para o peixe e, simultaneamente, exige do sujeito uma tensão específica - uma chumbada que dialogue com o empuxo, um corpo que se ancore contra a vazante.

A *skill*¹⁰ é a sensibilidade desse sujeito em ler esses convites não como dados intelectuais, mas como vibrações da própria existência. Um tarrafeiro na fila não decide o momento do arremesso a partir de um cálculo; ele sente, na musculatura que se retesa com o vento e no brilho da água, o convite para o lançamento. É a experiência na qual se manifesta o que Merleau-Ponty (2006) descreve como o "corpo próprio", em que a percepção não é um evento mental, mas um engajamento carnal com o mundo.

⁸ Para Tim Ingold (2000; 2015), a paisagem não é uma simples extensão espacial a ser observada ou representada, mas um campo de relações vividas. Ela é constituída pelos movimentos, gestos e percepções dos seres que a habitam, humanos e não humanos, e, portanto, é sempre um processo em devir, mais próximo de uma tessitura de correspondências do que de um cenário estático. A paisagem, nesse sentido, é o resultado do habitar em um modo de estar no mundo em que corpo e ambiente se coformam continuamente.

⁹ Termo cunhado por James Gibson (1979) no âmbito da psicologia ecológica para designar as possibilidades de ação que o ambiente oferece a um organismo. Na perspectiva relacional adotada nesta tese, as *affordances* não são propriedades fixas dos objetos, mas qualidades que emergem e se atualizam no processo de engajamento prático e na correspondência contínua entre o corpo em movimento e as características materiais do mundo.

¹⁰ O termo *skill*, em Tim Ingold (2011), se refere a uma capacidade incorporada de atenção e correspondência com o ambiente. Aprender uma *skill* é entrar em sintonia com os fluxos materiais e temporais do mundo, não apenas dominar um instrumento. A habilidade se forma no encontro do corpo, materiais e forças em um processo de afinação recíproca que faz do gesto uma forma de pensamento em movimento. Assim, lançar uma tarrafa, trançar uma rede ou ler o vento não são meras execuções, mas modos de *habitar o aprender*, em que a percepção e a ação se constituem mutuamente.

Observei esse acoplamento em um final de tarde, momento em que a maré começava a "vazar" com força, empurrando a água do rio em direção ao oceano. Um tarrafeiro, posicionado no limite das pedras em que a água espumava, mantinha a rede sobre o ombro, imóvel. O vento soprava de través, o que para um iniciante seria um obstáculo. Ele, porém, não lutava contra a lufada; ele a esperava. Ao sentir uma alteração no brilho da superfície - sinal de que o cardume de tainhas subia pelo "limpo" da corrente - seu corpo não calculou, ele retesou. No exato instante em que o vento deu uma breve trégua e a onda recuou, ele lançou. A tarrafa não foi "jogada"; ela fluiu com a gravidade e a atenção educada do sujeito, materializando um arco perfeito. "A água te diz quando jogar. Se tu teimar com ela, tu só passa trabalho de graça. Mas se tu entende o jeito que ela tá batendo, a rede abre sozinha", - relatou ele enquanto recolhia o nylon, sentindo nos dedos a vibração dos peixes presos na malha.

Nesta fala, o "entender o jeito" é o reconhecimento de que o pescador é um ser-com-a-foz. Como observa Sautchuk (2007) ao analisar a pesca, instrumento e humano formam um sistema técnico unificado. Se a rede "abre sozinha", é porque o *affordance* do ambiente e a prontidão do sujeito se tornaram um único gesto de gênese conjunta. Aqui, a coca e a tarrafa deixam de ser ferramentas externas; elas operam como próteses perceptivas.

A coca não instrumentaliza a fenda na pedra; ela se acopla ao *affordance* da rocha. A própria existência do pescador naquele espaço. Pelo cabo da ferramenta ou pela linha da vara, o pescador tateia o invisível, distinguindo texturas e movimentos sob a superfície. O instrumento é, assim, o prolongamento sensível do corpo que amplia o campo de percepção do sujeito no mundo. Em sintonia com Sautchuk (2007), compreende-se que o artefato não medeia a relação entre sujeito e ambiente, mas a prolonga, distribuindo a percepção pela matéria. A coca, o fio e o peso da tarrafa compõem um mesmo sistema sensorio-prático, no qual o corpo se estende na água e a atenção se traduz na vibração da linha na linguagem viva da foz.

Vidas Conexas e o Sistema de Relações

Se a *skill* ancora o sujeito na materialidade da foz, é no diálogo que essa existência ganha sua dimensão social e ética. Na Barra de Imbé, a fila das tarrafas e o posicionamento das cocas não constituem meros arranjos espaciais; são, como define Sautchuk (2007), um sistema de relações semióticas e cinéticas. A fila opera como um organismo vivo em que cada passo à frente, cada recolhimento de malha e cada olhar lançado ao horizonte são signos que todos leem e respondem em uníssono. Trata-se de um balé de sujeitos que fluem uns com os outros, movimento no qual o gesto de um tarrafeiro oferece um *affordance* social, convidando o próximo a se preparar

para o lance.

Nesse sistema, a separação artificial entre o ganho econômico e o prazer da convivência desmorona. O que emerge são as vidas conexas de Viviana Zelizer (2009). Para o pescador artesanal, o sustento não se resume a um cálculo frio isolado em uma "esfera de mercado"; ele aparece emaranhado na rede de afetos e parcerias da margem. Da mesma forma, para o pescador amador, o lazer não representa um vazio de responsabilidade. Ambos habitam uma simbiose na qual a "etiqueta do lugar" sobrepõe-se à "etiqueta do relógio" de Gonçalves, Boehl e Ignácio (2021). Ali, o tempo não é cronometrado pela produtividade industrial, mas pelo ritmo das marés e pela cadência das conversas.

A dinâmica, nesse sentido, encontra sua fundamentação na perspectiva de Stebbins e Sachsman (2017) sobre o lazer sério. O "passar trabalho" na Barra não é um fardo, mas a própria moeda de troca dessa "carreira de lazer". O esforço exigido - a perseverança contra o vento e o domínio da técnica - é o que confere dignidade ao praticante.

A gente não tá aqui só pelo peixe, né? Se fosse só por isso, o mercado ali na esquina era mais garantido. Tu vai ali, paga dez real o quilo e não suja o pé, não fica molhado, não se gripa. A gente tá aqui pelo que se fala em cada arremesso. É o 'te liga que a maré virou', é o 'olha o brilho da tainha lá no fundo'. Lá vem o boto... É o xingamento quando a rede tranca na pedra e a risada quando o outro quase cai. O peixe é a desculpa que muita gente dá pra mulher em casa pra poder ficar aqui vendo a vida passar no tempo certo (diário de campo, janeiro de 2026).

Esta fala sugere que o "trabalho" da pesca é, quem sabe, um *devoteework* (Stebbins; Sachsman, 2017), ou seja, uma ocupação imbuída de tanto sentido e prazer que a distinção entre obrigação e fruição deixa de fazer sentido ontológico.

A parceria, assim sendo, constitui o que chamo de lubrificante do fazer. Ela não se apresenta como um oposto ao isolamento, mas como uma tecnologia de mediação que transforma a percepção física do esforço. Ao analisar a "rede leve", percebe-se que a parceria atua diretamente na ergonomia da lida: quando o pescador afirma que, "se viesse por obrigação, a rede pesava o dobro", ele descreve uma alteração na economia do próprio corpo produzida pelo engajamento coletivo. Sob a lente de Zelizer (2009), compreendemos que o prazer da parceria não "contamina" o trabalho, nem o torna menos sério; ao contrário, ele o viabiliza ao dissolver a barreira entre a obrigação produtiva e a satisfação social. O riso compartilhado, a troca de informações sobre o "limpo" da água e o auxílio mútuo no desembarque são engrenagens que tornam o esforço suportável e, no limite, desejável, provando que na Barra a eficácia técnica é indissociável do laço interpessoal.

A foz é, portanto, a própria sacramentoção desta tese. Assim como o rio e o mar se tornam inseparáveis no encontro das águas, o "passar trabalho" transmuta-se em potência vital. Nesta "Disney da foz", a rede pesa menos porque o pescador não carrega apenas o nylon e o chumbo;

ele é carregado pelo fluxo da coletividade. A alma do diálogo na Barra de Imbé reside na descoberta de que a vida é mais potente quando a lida bruta se resolve na poética da parceria - um território de indistinção onde o salgado e o doce, o esforço e o riso, são uma única e indissociável correnteza.

O "passar trabalho" é o esforço de educar esse sujeito para que ele deixe de ser um "estranho na margem" e passe a fluir com as possibilidades da matéria. O lazer é a fruição dessa sintonia: o estado de "Disney" no qual a percepção dos *affordances* é tão plena que o esforço não é mais sentido como fardo, mas como a própria vida acontecendo em sua máxima potência. Esta seção é o coração sociológico do seu artigo. Nela, a foz deixa de ser apenas um acidente geográfico para se tornar uma epistemologia da indistinção. Se o rio e o mar se tornam um só no abraço da Barra, o trabalho e o lazer perdem suas margens divisórias no corpo do pescador.

Seu Zequinha e a Pedagogia da Tarrafa

No inverno de 2020, em plena pandemia, resolvi passar uma temporada no litoral norte na casa de minha mãe. A migração sazonal se intensificou naquele período, pois muitos buscavam no ar marítimo uma sensação de respiro frente ao avanço do coronavírus. As manhãs de Imbé tinham uma claridade leitosa, quase úmida, e foi nesses deslocamentos diários até a Barra que encontrei Seu Zequinha, sempre com a tarrafa repousada no antebraço, caminhando em direção ao encontro das águas.

Seu Zequinha vivia no litoral havia mais de trinta anos. Deixara Novo Hamburgo, na região do Vale dos Sinos, na década de 1990, quando o setor calçadista atravessou oscilações severas. Instalou-se em Imbé, primeiro tentou a sorte como mecânico automotivo, para depois passar a trabalhar como "faz-tudo", expressão que ele próprio usava para descrever pequenos reparos, manutenções e serviços caseiros. Em 2020, com a pandemia, a demanda reduziu drasticamente e ele passou a ocupar o dia pescando para complementar renda e garantir o alimento. Quem observasse à distância talvez o enxergasse como um aposentado em busca de distração. Contudo, na convivência diária, tornava-se evidente que a pesca não era nem apenas ofício nem apenas passatempo, era modo de vida.

Um fazer atravessado por necessidade, prazer e ritmo. Ação que sustenta e, ao mesmo tempo, faz respirar. Havia método, historicidade, memória ecológica e conhecimento prático acumulado, mas também contentamento no encontro diário com a água.

A tarrafa de quinze braças repousava sobre o ombro esquerdo. Era uma extensão do corpo. Os dedos buscavam instintivamente os nós. O chumbo fazia um som seco contra o

antebraço. A cada arremesso, as escápulas deslizavam como peças articuladas, e o giro partia do quadril, não do braço. Uma biomecânica própria, com alavancas potentes, moldada por anos de repetição. Tão íntima que não se podia distinguir onde terminava a técnica e onde começava a sensibilidade ao ambiente. Ingold (2011) observa que aprender é seguir linhas e compor trajetórias, e era exatamente isso que acontecia ali: a tarrafa não se impunha sobre o ambiente, mas se compunha com ele, num processo contínuo de correspondência entre corpo, vento e água. A rede se abria porque a técnica estava em consonância com o ritmo da maré e a maré, por sua vez, compunha a ação que a acompanhava. Sautchuk (2007) lembra que a *skill* é um acúmulo temporal que se sedimenta na repetição e no erro, não uma competência linearmente ensinada. Cada tentativa é uma variação que refina o gesto e reeduca o corpo. O aprendizado é, assim, uma temporalidade vivida - o tempo do vento e da maré - em que o saber não se transmite, mas se encarna. O corpo como arquivo e memória da própria experiência.

Passei um dia inteiro acompanhando Seu Zequinha. Cheguei pouco depois das seis da manhã. Ele estava agachado próximo aos molhes, ajustando o cordame. O rosto vincado inferia anos expostos ao sal e ao sol. A respiração tinha uma cadência tranquila. A voz sempre baixa. Caminhamos até a beira d'água. As mãos dele, grossas e calejadas, seguiam uma ordem precisa. Primeiro recolher a linha principal, depois conferir o chumbo, por fim ajustar o remate da rede. Nada era perdido. Cada movimento tinha um tempo, um tempo que não era o do relógio, mas o tempo do maréu, da repetição que sustenta a vida e oferece prazer.

Naquele momento, compreender dependia de partilhar o corpo que percebe. Só ao ajustar minha própria postura - curvar a coluna, sentir o vento, equilibrar o peso - tornei-me capaz de ver o mundo sob o ponto de vista que o próprio gesto engendra. A percepção não é um ato mental, mas um modo de habitar o corpo, aquilo que Viveiros de Castro (2002) chamaria de o ponto de vista.

A etnografia, ali, implicava uma aproximação física do ambiente. Eu me via negociando o peso do corpo na areia úmida, aprendendo a perceber a mudança de cor da água que anunciava a passagem de tainhas e sardinhas. Ao tentar manter a atenção, percebia minha própria hesitação diante de gestos que, para ele, eram imediatos. Era o que Ingold (2011) descreve como o conhecimento que se forma na correspondência entre corpo e ambiente, um aprendizado que se dá pela presença e pela atenção prolongada. A aproximação, no entanto, não se confundia com a imersão total de Lóic Wacquant (2002) no mundo do boxe; tratava-se menos de viver *como* o outro e mais de aprender com o outro, compondo gradualmente um campo sensível de experiência compartilhada.

Ao longo da manhã, Seu Zequinha lançou a tarrafa dezenas de vezes. O corpo se ajustava

ao esforço. A flexão dos joelhos, a inflexão do tronco, o torque do quadril, o retorno ao ponto de espera. O ritmo não era constante, mas pulsante, oscilando conforme a leitura que ele fazia da correnteza. A cada captura, aproximava o saco de nylon e observava os peixes com a atenção de quem decifra sinais. Os pequenos eram devolvidos. Perguntei por quê. Ele respondeu que voltaria a pegá-los grandes. Explicação dita com uma calma que fundia ética e pragmatismo. Em Sautchuk (2007), a aprendizagem é compreendida como gênese prática; um devir que se produz na própria ação. A formulação, por seu turno, reforça a foz como *taskscape* (Ingold, 2000), um campo de tarefas no qual técnica, sensibilidade e convivência se constituem mutuamente. Habitar a margem não é apenas permanecer num lugar, mas continuar a aprendê-lo com o corpo; cada gesto de pesca é uma atualização dessa correspondência entre o viver e o fazer, entre a necessidade e o prazer.

A ética de Seu Zequinha sugere uma pessoa composta de relações com o rio que o alimenta, com os peixes que devolve e com a correnteza que ensina. Sua existência não se ergue sobre o mundo, mas *a partir dele*, tramada nas mesmas linhas que sustentam a maré. Como nas formulações de Strathern (2006), o sujeito não é uma unidade autônoma, mas uma composição de vínculos que o fazem e o refazem a cada ação.

Durante a tarde, seguimos para um trecho menos movimentado da Barra. A luminosidade mudou. O vento apertou. Ali o gesto adquiria outra configuração. A tarrafa precisava ser lançada com mais força para atravessar as correntes laterais. Os músculos do antebraço se tensionavam antes de cada arremesso. O corpo dele parecia saber, antes da água, onde havia densidade. Não era adivinhação. Era experiência acumulada desde a década de 1990. Um aprendizado sedimentado no próprio movimento, marcado no corpo e na água. Entre a fadiga e a precisão, o gesto se fazia também como prazer, o prazer de permanecer fazendo o que se sabe, e de saber-se fazendo.

Por volta das cinco da tarde, encerramos o dia. Ele carregava uma sacola pesada com peixes maiores, suficientes para venda e consumo próprio. Contou que tem dois freezers na garagem para estocar o excedente. Quando o espaço se esgota, vende o que tem. Descreveu isso com naturalidade, como se fosse a consequência lógica de um fluxo contínuo: pescar, guardar, consumir, vender, retornar ao estuário no dia seguinte. Nada de feito extraordinário. Era vida atravessada por ambiente, necessidade e desejo, um cotidiano em que trabalhar e viver se embarçam na mesma torrente.

Acompanhar Seu Zequinha naquele dia, assim como nos outros que antecederam, permitiu compreender que a pesca não se organiza por etapas isoladas. Ela se estrutura por movimentos encadeados, linhas que se entrelaçam ao longo das horas, anos e comportamentos.

O que se aprende no início da manhã se prolonga até a noite. O que o corpo absorveu na década de 1990 reapareceu em 2020 e permanece idêntico em 2026. Seis anos após aquele encontro sob a claridade leitosa da pandemia, reencontro Seu Zequinha na mesma posição de espera. A máscara caiu, as restrições cessaram, mas a cadência da tarrafa e a economia dos freezers na garagem ignoram o calendário das crises urbanas; a lida na foz não é um hiato, é permanência. Minha presença não se impunha sobre o campo; ela era uma relação entre muitas outras. Como diria Marilyn Strathern (2006), o conhecimento nasce não de indivíduos, mas de vínculos, somos efeitos do que nos conecta, isto é, um cotidiano em que trabalho e lazer não se sucedem nem se mesclam, mas coexistem, manifestando uma ética da presença e uma estética naturalmente indivisível.

Juventudes e Metamorfoses Pendulares

Em 2025, passados os anos de isolamento, o movimento de sístole e diástole entre o asfalto e a areia fofa não apenas persiste, mas se reafirma. O retorno à presencialidade total do trabalho não extinguiu o eu-pescador; ao contrário, parece ter aguçado a necessidade de sincronia com a pulsação do rio-mar. Como observa Sautchuk (2007), essa travessia entre casa e margem constitui uma metamorfose ontológica. O sujeito que habita a Barra transita em regimes de temporalidade distintos, abandonando a rigidez produtivista do tempo abstrato do capital para sincronizar-se com a pulsação fenomenológica do rio-mar. No corpo desses habitantes, o “eu-trabalhador” e o “eu-pescador” coexistem em tensão criativa, um corpo que, ao tatear o limo das pedras, se reconfigura, reeducando seus sentidos e ritmos.

No fim da tarde, quando a claridade ainda se equilibra entre o sol e a maresia, começa o movimento. Das ruas que ligam o centro ao canal, descem os jovens de boné, mochila e chinelo de dedo, empurrando bicicletas com a tarrafa enrolada como serpente sobre o guidão. Uns vêm direto do trabalho, farda azul de supermercado, crachá ainda pendurado, e nem sempre têm tempo de passar em casa. O corpo traz o cheiro do sabão e do desinfetante, mas o olhar já se deslocou para outro regime: a correnteza.

Ao chegar à margem, há um breve ritual de passagem, retiram a camiseta, mergulham o pé na água gelada. O corpo “desliga” o modo urbano e se reconecta ao ritmo da maré. Um deles me disse: “É como se o corpo soubesse o que tem que fazer. Aqui, o tempo não é de relógio, é de vento.”

As pequenas ações são o que eu, sem muito zelo, chamaria de *hexis* corporal (Bourdieu, 2002), mas na Barra também se tornam uma forma de oração silente, um ajuste corpo, ambiente

e técnica. O rapaz que passou o dia sob luz fluorescente e música ambiente de loja agora se curva para amarrar o cordão da tarrafa, o mesmo nó que aprendeu com o avô. A técnica é meticulosa, quase cerimonial. Antes de lançar, ele passa os dedos pelas malhas, testa o peso dos chumbos, alisa a corda com saliva. O rio-mar exige um tipo de atenção que não se negocia: “se o vento muda, muda tudo”, explicou outro, apontando o horizonte como se decifrasse uma língua secreta.

O domínio do gesto, essa relação entre técnica e devoção, é o que Stebbins e Sachsman (2017) descreve como *seriousleisure*, o lazer que exige disciplina, vocação e aprendizado cumulativo. O jovem da Barra não joga a rede como passatempo, mas como quem cumpre um destino de precisão. Há uma carreira nesse lazer. Erros acumulados, tentativas frustradas, corpos treinados no improviso e na paciência. O suor que escorre agora é o da maestria. É o esforço deliberado de quem transmuta o tempo livre em tempo pleno. “Lá em cima [no centro] eu sou só o guri que entrega o rancho. Aqui embaixo [na praia], o pessoal para pra ver o meu arremesso. Pode escrever aí no teu bloquinho, é a mais pura verdade: a pesca dá um respeito que o crachá não dá”.

Enquanto falava, ele limpava as escamas presas ao braço, sem parar o movimento das mãos. Cada gesto parecia aprendido pela observação paciente de sujeitos mais velhos, um aprendizado sem aula, mas com rigor. Quando lança a tarrafa, há um instante de apreensão total, a rede se abre como flor de ferro e cai em harmonia sobre a água. Os outros observam. O silêncio das vozes é breve, quebrado por um grito de excitação quando o primeiro peixe grande brilha sob a lanterna. A captura é sempre coletiva, mesmo quando o esforço é individual.

A cena parece se repetir nas noites seguintes. Há quem chegue para “ajudar” e acabe ficando até mais tarde. O tempo da foz dilata o cansaço, redefine o sentido do trabalho. Ali, o relógio-ponto pouco importa. A pesca é também conversa, espera, gozo, cansaço e exibição. O lazer aqui não se opõe à lida, ele a prolonga em outra chave. Como propõe Pimenta (2025), o lazer é parte constitutiva da experiência juvenil, um espaço de sociabilidade e criação de sentido em que o corpo se reconhece e é reconhecido. O jovem que aguenta o frio, que enfrenta o vento nordeste e carrega o balde pesado, consolida sua perspectiva de habitar (Ingold, 2000); ele deixa de ser um estranho para se tornar parte constituinte daquela paisagem de tarefas. Seu corpo é a prova da pertença que na manhã seguinte coloca de novo o seu crachá.

Mais do que um passatempo, a pesca configura-se como uma pedagogia da paisagem. Cada corpo aprende a ler sinais invisíveis: o movimento das garças, o cheiro do vento, a cor da espuma. Essa sensorialidade é também uma forma de conhecimento, um saber prático que se inscreve no corpo. Há uma ética implícita na observação: saber esperar, saber sentir, saber reconhecer o momento de lançar. “A rede não é força, é jeito”, disse um dos mais velhos, enquanto

observava os meninos novatos. A paciência torna-se virtude, e o sucesso, fruto da harmonia entre ritmo, vento e corpo.

A ontogênese, esse vir-a-ser que se constrói na relação mútua entre corpo e ambiente, é o que sustenta essa existência pendular. Nela, a dureza da lida e a liberdade da fruição não se opõem como esferas estanques, mas se enredam como fios de uma mesma rede que o corpo tece enquanto habita a passagem. O mesmo jovem que, sob luz fria, descarrega caixas seguindo ordens gerenciais, é aquele que, ao sentir o vento sul mudar, prepara a tarrafa e comanda um território simbólico próprio, onde o valor se mede pela destreza e não pelo salário. Como sugere Pimenta (2025), o lazer aqui não é fuga ou descanso, mas uma "reexistir" frente às coerções urbanas, isto é, uma reorganização sensível onde o gesto muda de contexto, mas não de natureza. Trata-se do corpo respondendo a diferentes *affordances* e ritmos do mundo: entre o ruído urbano e o murmúrio do rio, o sujeito não transita entre categorias de trabalho e lazer, mas corresponde a fluxos que compõem modos de existência simultaneamente produtivos e prazerosos.

A ética que se forma aí é a da presença sensível: estar inteiro naquilo que se faz, seja empacotando mercadorias ou lançando uma rede. O que distingue um gesto do outro não é a função social que o enquadra, mas o modo de engajamento que o corpo estabelece com o ambiente. Trabalhar e fruir deixam, assim, de ser categorias excludentes e tornam-se formas de habitar, maneiras de se alinhar ao fluxo de forças que atravessam a foz e a cidade.

A vida pendular desses jovens não é, portanto, uma oscilação entre dois polos, mas uma corrente contínua de correspondências: o esforço da lida se converte em prazer quando o gesto é reconhecido, e o lazer se torna ofício quando exige maestria. O "passar trabalho" é a pedagogia dessa margem, um exercício constante de ajustar o corpo ao vento, à maré e ao outro.

Ao habitar essa zona porosa, esses sujeitos praticam o que Ingold chamaria de ecologia da atenção: um modo de estar no mundo em que cada som, cada brilho, cada dobra da água ensina. Ali, o lazer é a fruição dessa sintonia, e o trabalho, o seu ritmo. A vida, afinal, acontece no intervalo movente entre um gesto e outro, no devir-rio de quem aprende, a cada arremesso, a reinventar o mundo e a si mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da etnografia, foi se tornando cada vez mais desafiador sustentar, sem fissuras, as categorias que à distância pareciam organizadoras da cena. Trabalho e lazer, quando aplicados de forma rígida, mostraram-se pouco sensíveis ao que se passa na margem. O que foi se manifestando, lentamente, não foi uma síntese conceitual acabada, mas um modo de existir em

que esforço, prazer, técnica, convivência e necessidade material se enredam no próprio curso da vida. Não como fusão harmoniosa, e sim como ajuste contínuo, feito de tentativas, hesitações e aprendizados.

Nesse percurso, o “passar trabalho” deixou de aparecer como polo negativo da experiência. Ele não se impôs como algo a ser superado para que o lazer pudesse existir, tampouco como sacrifício resignado. Foi se apresentando, antes, como condição prática da fruição. O vento que exige insistência, a maré que pede espera, a repetição do gesto que educa o corpo não suspendem o prazer, mas o modulam. O lazer, assim vivido, se oferece como envolvimento atento com uma atividade que convoca o corpo inteiro e o coloca em relação prolongada com o lugar e não como descanso do esforço.

A técnica da pesca, nesse sentido, não se mostrou como domínio sobre um meio externo. Ela foi aparecendo como resposta sensível aos convites e resistências da matéria. O rio-mar não se deixa reduzir a cenário. Ele orienta, impõe limites, sugere caminhos. A ação do pescador não antecede o ambiente, ele se forma com ele. A habilidade não se acumula como repertório abstrato. Ela se sedimenta na repetição, no erro, na escuta fina da água, do vento e do próprio cansaço. Trata-se menos de saber o que fazer e mais de aprender a perceber quando fazer.

No plano das relações, a pesca também não se manifesta como prática solitária. A fila das tarrafas, os olhares trocados, as conversas miúdas, os acordos implícitos e os auxílios discretos compõem um tecido relacional que sustenta a própria possibilidade do fazer. A eficácia técnica e a convivência caminham juntas, ajustando-se mutuamente. O peixe importa, sem dúvida, mas não apenas ele. Importa também o tempo compartilhado, o reconhecimento entre pares, o que se constrói enquanto a captura não acontece.

As experiências com os jovens e com Seu Zequinha fazem a pesca aparecer como uma aprendizagem que acontece no próprio corpo e no tempo da paisagem. Não se trata de passagem entre domínios, mas de um ajuste contínuo ao ritmo das coisas. A cidade, os trabalhos instáveis, a foz, a tarrafa no ombro, o vento no fim da tarde, tudo isso se encadeia no mesmo curso de vida. O corpo não muda de mundo, ele muda de cadência.

Na pesca, o gesto técnico encontra reconhecimento porque é visto, repetido, comentado. O corpo passa a valer por aquilo que consegue sustentar na água, no frio, na espera. A presença se alonga, pede atenção, desacelera. Ainda assim, nada se resolve. A pesca não organiza a vida, não fecha tensões, não estabiliza trajetórias. Ela apenas permite seguir. Um modo de continuar habitando o mundo quando as outras formas se mostram curtas demais.

Ao assumir uma etnografia implicada, este trabalho foi se construindo menos como um olhar lançado sobre a Barra de Imbé e mais como um caminhar com ela. O conhecimento que se

constroi desse percurso não nasce do distanciamento, mas da convivência prolongada, da atenção aos detalhes e da abertura ao imprevisível. A foz vai deixando de ser apenas um lugar empírico e passa a operar como chave para pensar relações mais amplas, sem que isso a descole de suas materialidades e perspectivas.

A foz, encontro entre rio e mar, ajuda a desfazer contornos nítidos. A experiência na margem vai embaralhando separações conceituais. Trabalho e lazer, produção e fruição, obrigação e prazer não desaparecem, mas perdem a rigidez das fronteiras. O que se aprende ali é que a vida ganha densidade quando o esforço encontra sentido no próprio comportamento, quando o corpo aprende a escutar a matéria e quando a vida se sustenta na parceria. Nesse fluxo instável e sempre relacional, trabalho e lazer deixam de se excluir e passam a se insinuar como modos de habitar o mundo.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GIBSON, James J. **The Ecological Approach to Visual Perception**. Boston: Houghton Mifflin, 1979.

GONÇALVES, Guilherme de Oliveira; BOEHL, Walter Reyes; IGNÁCIO, Mauro Castro. O fazer dos empresários de futebol: é lazer ou trabalho? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS DO LAZER (CBL), 2021, Porto Alegre. **Anais[...]** Porto Alegre: UFRGS, 2021.

INGOLD, Tim. **The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill**. London: Routledge, 2000.

INGOLD, Tim. **Being alive: essays on movement, knowledge and description**. London: Routledge, 2011.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis: Vozes, 2015.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana**. São Paulo: Terceiro Nome, 2018.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/horizontes/781>.

PIMENTA, Melissa de Mattos. O lazer como dimensão das vivências juvenis. In: OLIVEIRA, Victor Nedel; VASQUES, Daniel Giordani (orgs.). **Juventudes, territórios e lazer**. Porto Alegre: GEPUVE/GESOE, p.151-168, 2025. Disponível em: <https://biblioteca.majisbrasil.org.br/wp-content/uploads/2025/03/Juventudes-e-lazer.pdf>

SAUTCHUK, Carlos Emanuel. **O arpão e o anzol**: técnica e pessoa no estuário do Amazonas (Vila Sucuriju, Amapá). 2007. 402 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

STEBBINS, Robert A.; SACHSMAN, David B. **Serious Leisure**: a perspective for our time. Routledge, 2017.

STRATHERN, Marilyn. **O gênero da dádiva**: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. *In*: VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2002. p. 347-399.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Tradução de Angela Ramalho Vianna. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

ZELIZER, Viviana A. Dualidades perigosas. **Mana**, v.15, p.237-256, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132009000100009>

NOTAS DOS AUTORES

Agradecimentos

Agradecemos a todos(as) os(as) autores(as) das pesquisas e artigos anteriores que foram a base para esse trabalho.

Declaração de conflito de interesses

O presente estudo não possui conflitos de interesse.

Contribuição do autor(es)

O autor V. M. C. foi responsável por toda a orientação da pesquisa, realizou a coleta, a organização dos resultados e discussão dos dados e pela revisão final do artigo; J. R. A. realizou a coleta de dados, a organização dos resultados e discussão dos dados.

Histórico de Edição

Submissão: 24/03/2024

Aceite: 10/08/2026